

cinemateca

ABRIL



Vinte e nove sessões deste mês evocam outro abril, voltando à realidade das salas de cinema em 1974 (*Estreias em 1974*), a filmes produzidos por cooperativas (*Filmes das Cooperativas; Do Centro Português de Cinema*), e a imagens da Revolução (*Imagens e Canções de Abril*). O programa estende-se à sala 6x2.

Filmes das Cooperativas

Um olhar para o cinema do pós-25 de abril de 1974 exige uma atenção particular ao cinema das cooperativas e de outros coletivos cinematográficos criados em Portugal, como a Cinequanon, a Cinequipa, o Grupo Zero, a Unidade de Produção Cinematográfica nº1, ou o Centro Português de Cinema, que conheciam um período de grande efervescência. Se alguns já existiam antes da revolução, outros surgiram para responder diretamente às questões levantadas pela rapidez dos acontecimentos, e mais concretamente à urgência de um cinema militante e de intervenção. Entre as cooperativas mais ativas durante o PREC encontravam-se a Cinequanon e a Cinequipa. A primeira nasceu no início de 1974 impulsionada por um grupo de trabalhadores do ramo que defendiam novas estruturas para a produção cinematográfica. Uma intenção inicial de realizar “filmes de fundo de ficção”, no 25 de abril transformou-se em filmes de intervenção política e social, destinados maioritariamente à televisão. Do mesmo modo, a Cinequipa intensificou nessa altura a sua produção, que se diversificou em inúmeras séries para a RTP e em filmes essencialmente documentais de registo militante. A extensa implantação da televisão fazia dela aos olhos de muitos o meio mais adequado para agir face ao momento que o país atravessava, e é neste contexto que se inserem muitos dos títulos apresentados este mês, reunindo este núcleo uma amostra dos filmes produzidos no período pós-revolucionário em que o real se afirma em toda a sua dimensão. Com raras exceções, a grande maioria nunca foi vista ou foi pouco mostrada na Cinemateca. Boa parte das cópias a exibir é de época e tem sinais de desgaste. Trata-se na maioria dos casos de títulos não preservados da coleção cuja oportunidade de apresentação surgiu agora.

TEATRO EM BORBA

de Cinequipa
Portugal, 1975 – 24 min

TEATRO POPULAR – BEIRA BAIXA

Portugal, 1975 – 33 min

de António de Macedo

duração total da sessão: 57 min

com a presença de Fernando Matos Silva

Dois filmes de registo militante produzidos pela Cinequipa (com realização não creditada de Manuel Costa e Silva) e Cinequanon que correspondem a encenações teatrais muito particulares, em que a atualidade política nacional é levada ao palco por atores amadores. **TEATRO POPULAR** é um documentário extremamente inteligente que mostra uma peça encenada e interpretada por trabalhadores da Quinta da Vargem, em Unhais da Serra, em que se representa o processo de luta e a consequente ocupação da herdade em que trabalham. Em **TEATRO EM BORBA** os alunos da Escola D. Maria I levam à cena um espetáculo baseado no passado recente e na sua experiência local e nacional. Se **TEATRO POPULAR** foi mostrado pela primeira vez na retrospectiva dedicada a António Macedo, **TEATRO EM BORBA** é uma estreia na Cinemateca.

> Seg. [1] 19:30 | sala Luís de Pina



TEATRO EM BORBA

...PELA RAZÃO QUE TÊM!

de José Nascimento

Portugal, 1976 – 45 min / legendada em francês

A LUTA DO POVO – A ALFABETIZAÇÃO EM SANTA CATARINA

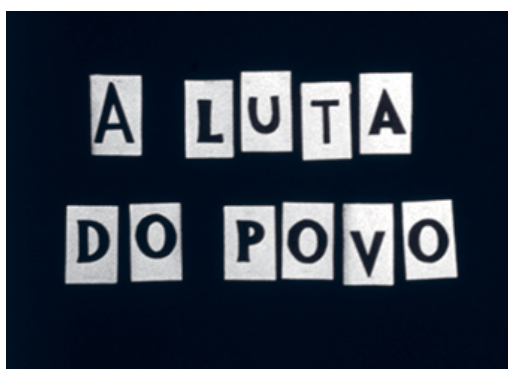
de Grupo Zero

Portugal, 1976 – 29 min

duração total da sessão: 74 min

com a presença de José Nascimento

...PELA RAZÃO QUE TÊM! é a crónica duma ocupação de terras em fevereiro de 1975 pelo povo de Quebradas. Os camponeses reconstituem essa luta, como atores da sua própria realidade. Realização de José Nascimento e produção da Cinequipa com música de Zeca Afonso e de Sérgio Godinho, que canta *Em Frente com a Organização Popular*. **A LUTA DO POVO** centra-se na aldeia



ASSIM COMEÇA UMA COOPERATIVA



LÚCIA E CONCEIÇÃO

de Santa Catarina, no Alentejo, onde decorrem cursos de alfabetização para adultos. Só aos quarenta e quatro anos, Alfredo, um trabalhador agrícola, pôde aprender o que são as letras, a política, a vida cooperativa. O Grupo Zero filma o plenário dos moradores que assistem na escola à projeção de filmes e as suas reivindicações por melhores condições de vida. O segundo filme é uma primeira exibição na Cinemateca.

> **Ter. [2] 19:30** | sala Luís de Pina

ASSIM COMEÇA UMA COOPERATIVA

de Grupo Zero

Portugal, 1977 – 16 min

A LEI DA TERRA

de Grupo Zero

Portugal, 1977 – 67 min

duração total da sessão: 83 min

com a presença de Solveig Nordlund

Dois filmes produzidos e realizados pelo coletivo Grupo Zero, de que fizeram parte, entre outros, Acácio de Almeida, Alberto Seixas Santos, Fernando Belo, Joaquim Furtado, José Luís Carvalhosa, Leonel Efe, Lia Gama, Paola Porru, Serras Gago, Solveig Nordlund ou Teresa Caldas. ASSIM COMEÇA UMA COOPERATIVA acompanha os esforços de um grupo de pequenos agricultores de Barcouço, na zona de Coimbra, cuja ideia de formar uma cooperativa nasceu na banda de música que a maior parte integrava. Mais ambicioso, A LEI DA TERRA centra-se no processo da Reforma Agrária, retratado nas suas dimensões política, social e económica, com recurso à perspectiva histórica e ao seu respetivo comentário em *off* a duas vozes (uma masculina e outra feminina). No contexto do cinema militante da época pós-revolucionária, A LEI DA TERRA é também exemplo de uma preocupação didática.

> **Qua. [3] 19:30** | sala Luís de Pina

DEOLINDA DA SEARA VERMELHA

de Luís Gaspar

Portugal, 1976 – 28 min

LÚCIA E CONCEIÇÃO

de Cinequipa

Portugal, 1974 – 26 min

duração total da sessão: 54 min

com a presença de Fernando Matos Silva

Dois filmes assentes em testemunhos de jovens mulheres. O primeiro, produzido pela UPR - Unidade de Produção da Reforma Agrária, aborda a criação da União Cooperativa a União Faz a Força - Seara Vermelha e centra-se no depoimento de Deolinda, que descreve as duras condições dos trabalhadores no Alentejo desde os tempos do fascismo. LÚCIA E CONCEIÇÃO (realização não creditada de Fernando Matos Silva) aborda a vida de duas raparigas da aldeia da Maia, nos Açores. DEOLINDA não é visto na Cinemateca deste 1984, LÚCIA E CONCEIÇÃO é uma primeira exibição.

> **Qui. [4] 19:30** | sala Luís de Pina

O CASO SOGANTAL

de Cinequipa

Portugal, 1975 – 47 min

POR UMA COROA SUECA

de Cinequipa

Portugal, 1975 – 45 min

duração total da sessão: 92 min

*com a presença de João Matos Silva
e Fernando Matos Silva*

A sessão reúne dois filmes da Cinequipa, com realização não creditada de João Matos Silva (O CASO SOGANTAL) e Fernando Matos Silva (POR UMA COROA SUECA). O primeiro acompanha o processo de luta das 48 trabalhadoras, entre os 14 e os 24 anos, que laboram numa fábrica de confeções situada nos arredores do Montijo. O encerramento é a resposta da administração às suas reivindicações por direitos básicos como o salário mínimo, um mês de férias, respetivo subsídio e décimo terceiro mês. Numa outra fábrica, a fim de escamotear as reivindicações salariais, a proprietária da empresa, uma multinacional, pretende pô-la à venda por uma coroa sueca. O filme acompanha as operárias na sua perseguição do patrão até ao Hotel Ritz. Primeiras exposições na Cinemateca.

> **Sex. [5] 19:30 | sala Luís de Pina**



GENTE DO NORTE OU A HISTÓRIA DE VILA RICA

de Leonel Brito

Portugal, 1975 – 53 min

com a presença de Leonel Brito

Produção da Cinequanon, GENTE DO NORTE é uma crónica de resistência e esperança sobre Moncorvo, em Trás-os-Montes. O passado, o presente e o futuro são analisados por Leonel Brito, que aborda os tempos de exploração das minas de volfrâmio e o cultivo dos campos, bem como os efeitos da emigração no esvaziamento da comunidade e no surto de novas construções. Os que chegaram das colónias cruzam-se assim com os que ainda partem. Música e canções de José Mário Branco.

> **Seg. [8] 19:30 | sala Luís de Pina**

BARRINHOS - QUEM TEVE MEDO DO PODER POPULAR?

de Luís Filipe Rocha

Portugal, 1976 – 52 min

com a presença de Luís Filipe Rocha

Luís Filipe Rocha iniciou-se como realizador depois de 1974, com os documentários NÓS NO PAÍS (curta-metragem de 1975, centrada na situação precária dos trabalhadores das minas da Ribeira, em Trás-os-Montes) e BARRINHOS – QUEM TEVE MEDO DO PODER POPULAR?, que considera a sua primeira obra oficial. O filme parte de um assassinato ocorrido num bairro de lata na periferia de Lisboa para prosseguir uma investigação sobre o bairro no contexto social e político pós-revolucionário, que então se vivia em Portugal.

> **Qui. [11] 19:30 | sala Luís de Pina**

GREVE NA CONSTRUÇÃO CIVIL

de Cinequanon

Portugal, 1975 – 23 min

COMUNAL, UMA EXPERIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

de José de Sá Caetano

Portugal, 1975 – 25 min

duração total da sessão: 48 min

Assinado pela Cinequanon, GREVE NA CONSTRUÇÃO CIVIL faz parte da série filmada para a televisão, "Acção e Intervenção". A grande manifestação apartidária dos trabalhadores da construção civil face à recusa das entidades patronais de negociação do contrato vertical de trabalho nos finais de 1975, as greves, a movimentação nas ruas e o sequestro do primeiro-ministro em São Bento são alguns dos acontecimentos retratados ao estilo do cinema direto. O segundo título da sessão é assinado por José de Sá Caetano e, como o anterior, foi produzido pela Cinequanon. O seu tema é uma cooperativa original, próxima de Torres Novas, que agrega os habitantes da região e pessoas da cidade. Primeiras exposições na Cinemateca.

> **Sex. [12] 22:00 | sala Luís de Pina**



CASEGAS 1 – PROCISSÃO DOS BÊBADOS

de Luís Galvão Teles

Portugal, 1975 – 73 min

com a presença de Luís Galvão Teles

Produção da Cinequanon de cariz mais etnográfico. Na aldeia de Casegas, concelho da Covilhã, a Páscoa é celebrada durante três dias. No sábado, os miúdos saem com chocalhos para tocar à porta dos que não se confessaram durante o ano. No domingo é a visita pascal, em que o pároco percorre as casas dando o Senhor a beijar. Após algumas palavras rituais, todos comem e bebem vinho ou água-pé. As cerimónias continuam na segunda-feira e o percurso revela-se excessivo... Primeira exibição na Cinemateca.



> Qui. [18] 19:30 | sala Luís de Pina

Do Centro Português de Cinema

A par de um conjunto de filmes politizados, que acompanhavam os acontecimentos do quotidiano do Portugal revolucionário, estruturas cooperativas como o Centro Português de Cinema continuavam a produzir longas-metragens de diferente fôlego, como TRÁS-OS-MONTES, de António Reis e Margarida Cordeiro, programado neste contexto a título de exemplo da produção do CPC nesses anos.



TRÁS-OS-MONTES

de António Reis e Margarida Cordeiro

com os habitantes de Bragança e Miranda do Douro
Portugal, 1976 – 100 min

Juntos, António Reis e Margarida Cordeiro assinaram

uma das mais singulares obras do cinema português, construída nos anos 1970/80 em TRÁS-OS-MONTES, ANA e ROSA DE AREIA. Sobre TRÁS-OS-MONTES, canto de amor a uma região e uma das obras máximas do cinema português, observou Fernando Lopes: "É talvez a primeira vez no cinema português que um filme estabelece uma síntese dialética ambiciosa quanto ao que os sociólogos chamam de cultura popular". Uma produção do Centro Português de Cinema, cooperativa que no período pós-revolucionário seria responsável por dois importantes filmes de cariz fortemente etnográfico como MÁSCARAS e este TRÁS-OS-MONTES.

> Sex. [26] 19:30 | sala Luís de Pina

Imagens e Canções de Abril

O programa conclui com duas sessões especiais: a véspera da celebração dos 39 anos da Revolução é assinalada por 25 CANÇÕES DE ABRIL e encerramos com a recapitulação dos primeiros dias da Revolução e imponentes pinturas murais filmadas por Ana Hatherly.

25 CANÇÕES DE ABRIL

Portugal, 1977 – 57 min

25 CANÇÕES DE ABRIL na véspera do 39º aniversário da Revolução dos Cravos. Coletivo, o filme recupera o nome de um espetáculo realizado no Coliseu do Porto que juntou um elenco de luxo de cantores, poetas e compositores, entre os quais Adriano Correia de Oliveira, José Carlos Ary dos Santos ou Carlos Paredes. 25 CANÇÕES DE ABRIL é o registo desse espetáculo e uma evocação dos momentos do processo revolucionário de abril de 1974 próxima do manifesto político.

> Qua. [24] 19:30 | sala Luís de Pina

ANO 1º - 1º DE MAIO DE 1975

de Unidade de Produção Cinematográfica nº1

Portugal, 1975 – 10 min

CRAVOS DE ABRIL

de Ricardo Costa

Portugal, 1976 – 28 min

REVOLUÇÃO

de Ana Hatherly

Portugal, 1975 – 11 min

duração total da sessão: 49 min

com a presença de Ricardo Costa,
e Ana Hatherly, a confirmar

Recapitulação dos primeiros dias da Revolução de 1974, da madrugada do dia 25 de abril ao dia 1 de maio, CRAVOS DE ABRIL integra imagens raras do dia 25, no Terreiro do Paço e no Largo do Carmo, da libertação dos presos políticos no dia 26 e da manifestação do 1º de maio. ANO 1º - 1º DE MAIO DE 1975 retoma o 1º de maio do ano seguinte. REVOLUÇÃO é um brilhante e original filme de Ana Hatherly que regista os cartazes, os murais e as pinturas políticas das ruas de Lisboa. Filmado em Super8 e posteriormente ampliado para 16mm, estreou na Bienal de Veneza em 1976.

> Ter. [30] 19:30 | sala Luís de Pina



CRAVOS DE ABRIL

Sala 6x2

Projeções contínuas em formato DVD, de segunda a sexta-feira, entre as 14h e as 20h. Entrada livre.

25 DE ABRIL, 25 ANOS

de Rita Azevedo Gomes, 1999

Montagem de imagens feita por ocasião do Ciclo "25 de Abril, 25 Anos", realizado na Cinemateca entre abril e maio de 1999, para integrar a instalação de vinte e cinco monitores de televisão que integrava a exposição que o acompanhou.

CONTRA AS MULTINACIONAIS

de Cinequipa, 1977

Com colaboração creditada de João Faria Aboim, Alexandre Gonçalves, Octávio Espírito Santo, Carlos Alberto Lopes, José Luís Carvalhosa, José Nascimento, Gabriela Cerqueira, João Manuel Maia, Victor Estêvão, Monique Rutler, Fernando Matos Silva e Joaquim Furtado (comentário) é um título da filmografia do "Cinema das Cooperativas", de que não existem a esta data materiais projetáveis em sala. O filme debate-se com os mecanismos das multinacionais e foca a questão portuguesa, dando como exemplo sintomático o caso da Applied Magnetics e a resistência dos seus operários.

Estreados em 1974

Em 1974 foram muitas as estreias comerciais que encheram as salas de cinema portuguesas. Houve estreias míticas como a de POTIOMKINE, que chegou aos ecrãs com JAIME de António Reis, provocando longas filas à porta do cinema Império depois de muitos anos de interdição (estendida a todo o cinema soviético). Outras mais discretas envolveram títulos que não haviam antes sido apresentados aos censores, com a certeza da recusa, mas também filmes que, nesse ano de 74, seguiam o seu curso natural. Dezassete delas são convocadas ao longo de um programa que conta com Buñuel, Jesus Franco, Wilder ou Bresson, terminando com O EXORCISTA de Friedkin.



JAIME

de António Reis

Portugal, 1974 – 35 min

BRONENOSETS POTIOMKINE

O Couraçado Potemkine

de Sergei M. Eisenstein

com Aleksander Antonov, Grigori Alexandrov, Vladimir Barsky
URSS, 1925 – 74 min / mudo, com intertítulos em russo,
traduzidos em português

duração total da sessão: 109 min

Um dos primeiros trabalhos do poeta do cinema português, JAIME irrompeu na cinematografia portuguesa em 1974 como um gesto único de solidez e força instintiva. O máximo de originalidade com o máximo de modernidade. Na primeira metade dos anos vinte, a União Soviética conheceu um extraordinário florescimento artístico, em todos os domínios, com obras duplamente de vanguarda: do ponto de vista formal e do ponto de vista político. O COURAÇADO POTEMKINE é, sem dúvida, a mais célebre destas obras. Pondo em prática as suas teorias sobre a montagem, elemento fundamental em todo o cinema de vanguarda, Eisenstein fez deste filme de encomenda sobre a Revolução de 1905 um momento absolutamente eletrizante, com a mais célebre sequência da história do cinema: o massacre na escadaria de Odessa. A apresentar na versão musicada com trechos de Chostakovich, organizada por Naum Kleiman, grande especialista da obra de Eisenstein. Estreados no Império a 19 de maio de 1974, com distribuição Animatógrafo.

> Seg. [1] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

HIROSHIMA MON AMOUR

Hiroshima Meu Amor

de Alain Resnais

com Emmanuelle Riva, Eiji Okada

França, 1959 – 89 min / legendado em português

Com a lembrança do bombardeamento de Hiroshima em fundo, uma atriz francesa evoca uma paixão condenada do passado: a relação com um oficial alemão durante a ocupação de França na Segunda Guerra. Viagem pelo tempo e pela memória, o desejo e a impossibilidade do esquecimento, com argumento de Marguerite Duras. Grande êxito no Festival de Cannes de 1959, o mesmo que consagrou LES 400 COUPS. Estreado no Império a 27 de abril de 1974, com distribuição Filmes Castello Lopes.

> Seg. [1] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

LETJAT ZURAVLI

Quando Passam as Cegonhas

de Mikhail Kalatozov

com Tatyana Samojlova, Aleksey Batalov, Vasili Merkurjev
URSS, 1957 – 94 min / legendado em português

Palma de Ouro em Cannes 1958, LETJAT ZURAVLI conquistou inúmeros admiradores desde a sua estreia. Realizado por um grande apreciador de Frank Borzage e de King Vidor, relata-nos a história de um jovem casal, separado pela Segunda Guerra Mundial. LETJAT ZURAVLI destaca-se de grande parte os filmes soviéticos de então pela forma direta como retrata o conflito. Estreado no Londres a 31 de janeiro de 1974, com distribuição Filmes Castello Lopes.

> Seg. [1] 22:00 | sala Luís de Pina



IRMA LA DOUCE

Irma La Douce

de Billy Wilder

com Shirley MacLaine, Jack Lemmon, Lou Jacobi
Estados Unidos, 1963 – 142 min / legendado em português

Proibido em Portugal até ao 25 de abril, IRMA LA DOUCE foi também um “caso” no seu país de origem. Apesar de já se estar em 1963 e de a censura andar a ser “batida” aos pontos por realizadores rebeldes, a forma como se representaram as prostitutas a trabalhar, sem eufemismos para a profissão, foi considerada demasiada audaciosa. Mas todo o filme joga tanto com o que é mostrado como com o que é elidido. IRMA LA DOUCE, uma das mais divertidas, irreverentes e provocantes comédias de Wilder, foi outro “prego” no caixão do código de censura, com Shirley MacLaine num dos papéis da sua vida, e Jack Lemmon inesquecível na figura do polícia-chulo. Estreado no São Jorge a 27 de junho de 1974, com distribuição Rank.

> Ter. [2] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

LA HIJA DEL ENGAÑO

A Filha do Engano

de Luis Buñuel

com Fernando Soler, Alicia Caro, Fernando Soto
“Mantequilla”, Ruben Rojo

México, 1951 – 78 min / legendado em português

Remake mexicano de DON QUINTIN EL AMARGAO, que Buñuel havia rodado em Espanha em 1935. É um filme a que o cineasta nunca atribuiu muita importância, classificando-o meramente de “alimentício”. Não obstante, a crueldade e a perversidade de Buñuel estão lá por inteiro, numa obra de desfecho tão ambíguo quanto melodramático. Estreado no Estúdio a 19 de julho de 1974, com distribuição Talma, foi um dos dois Buñuel estreados nesse ano em Portugal (o outro foi LE FANTÔME DE LA LIBERTÉ, de 1974, a 22 de novembro no cinema Londres, distribuído pela Filmes Castello Lopes).

> Ter. [2] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

BALLADA O SOLDATE

A Balada do Soldado

de Grigori Chukhrai

com Vladimir Ivasev, Zanna Prohorenko, Nikolai Kriukov
URSS, 1959 – 85 min / legendado em português

Com QUANDO PASSAM AS CEGONHAS, de Mikhail Kalatozov, A BALADA DO SOLDADO forma o par dos mais célebres “filmes do degelo”, obras com que a União Soviética, depois da morte de Estaline, se preocupou em apresentar, nos festivais internacionais, um rosto mais “humanista”, menos dominado por uma retórica de propaganda. Como o de Kalatozov, o filme de Chukhrai é um belo filme, no lirismo simples de uma breve história de amor entre um soldado e uma rapariga, com a Segunda Guerra Mundial em fundo. Estreado no Pathé a 18 de janeiro de 1974, com distribuição Filmes Castello Lopes.

> Ter. [2] 22:00 | sala Luís de Pina

AU HASARD BALTHAZAR...

Peregrinação Exemplar

de Robert Bresson

com Anne Wiazemsky, François Lafarge, Philippe Asselin,
Pierre Klossowski

França, 1966 – 94 min / legendado em português

AU HASARD BALTHAZAR é uma fábula construída em torno de um burro que vagueia, ao acaso, de dono em dono. O cinema de Robert Bresson estava, por esta altura, no máximo do seu despojamento, num misto de simplicidade e gravidade formais. As deambulações do burro Balthazar exprimem uma figura capital no universo do cineasta, o acaso. Através dos seus sucessivos donos, é a Humanidade que Bresson encena, num filme de uma beleza sublime. Estreado no Satélite a 12 de julho de 1974, distribuído pela Animatógrafo.

> Qua. [3] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

INTERDIT AUX MOINS DE 18 ANS

WEEK-END

Fim-de-Semana

de Jean-Luc Godard

com Jean Yanne, Mireille Darc, Jean-Pierre Léaud
França, Itália, 1967 – 102 min / legendado em português

Segundo Godard, um filme «perdido no cosmos» e «encontrado no ferro velho». Em forma de antecipação, WEEK-END é a mais radical parábola sobre a civilização de hoje. Reflexo do mal estar do seu tempo, o filme de Godard anunciava o maio de 68. Um casal em férias, caos e drama ao longo da estrada (com um fabuloso e célebre plano-sequência de um *travelling* de dez minutos) e estranhos encontros com a história e a ficção (Saint-Just, Alice, Lautréamont, etc.). Estreado no Estúdio 444 a 3 de dezembro de 1974, com distribuição Doperfilme.

> **Qua. [3] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro**

TERRA EM TRANSE

de Glauber Rocha

com Jardel Filho, Paulo Autran, José Lewgoy
Brasil, 1967 – 107 min

"Filme admirável, negro poema, TERRA EM TRANSE mostra como se fazem e se desfazem, no 'terceiro mundo europeu', as ditaduras tropicais", escreveu à época Marguerite Duras. Longe do sertão e dos cangaceiros, inteiramente situada no Rio de Janeiro, a terceira longa-metragem de Glauber Rocha, um cineasta que fez parte do panteão dos *Cahiers du Cinéma* na segunda metade dos anos sessenta, é sem dúvida o mais "cinematográfico" dos seus filmes. O protagonista é um jornalista que oscila entre um potencial tirano de esquerda e um potencial tirano de direita, mas sem que o filme se transforme numa alegoria. Começando pela agonia do protagonista, o filme desenrola-se num longo *flashback*, numa montagem fragmentada, mas absolutamente coerente. Estreado no Estúdio a 4 de maio de 1974, com distribuição Animatógrafo.

> **Qua. [3] 22:00 | sala Luís de Pina**

LA RONDE

A Ronda do Amor

de Roger Vadim

com Jean-Claude Brialy, Jane Fonda, Francine Bergé, Anna Karina

França, 1964 – 110 min / legendado em português

Uma adaptação por Jean Anouilh da clássica peça de Schnitzler, que Max Ophuls levava ao ecrã em 1950, numa das suas obras-primas. Trata-se da história de uma sucessão de encontros sexuais, em que um dos membros de cada um dos pares aparece na história seguinte, até que o círculo se fecha. Vadim situa a ação em Sarajevo, no dia do atentado ao Príncipe Herdeiro da Áustria, que despoletou a Primeira Guerra Mundial. Brialy tem o papel do jovem estudante, que, na versão de Ophuls, fora interpretado por Daniel Gélin. Estreado no Condes e no Pathé a 15 de outubro de 1974, com distribuição Filmes Castello Lopes.

> **Qui. [4] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro**

AGUIRRE, DER ZORN GOTTES

Aguirre, o Aventureiro

de Werner Herzog

com Klaus Kinski, Helena Rojo, Danny Ades
Alemanha, 1972 – 94 min / legendado em português

Em 1560 uma expedição espanhola penetra no Amazonas em busca do mítico Eldorado. Em breve, o segundo comandante, Aguirre, em pleno delírio febril de grandeza, toma o comando, aprisiona o superior e leva a expedição ao desastre. AGUIRRE é não apenas um dos mais conhecidos filmes de Werner Herzog, indissociável da presença do seu protagonista, Klaus Kinski, como se tornou um filme de culto. Foi o primeiro filme da dupla Kinski / Herzog, de novo reunida em NOSFERATU O FANTASMA DA NOITE, WOYZECK, O SOLDADO ATRAIÇOADO, FITZCARRALDO, COBRA VERDE. Estreado no Satélite a 4 de março de 1974, distribuído pela Talma.

> **Qui. [4] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro**

MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES

de Artur Semedo

com Artur Semedo, Yola, Pedro Pinheiro, Nicolau Breyner
Portugal, 1973 – 105 min

Parcialmente rodado em 1973 em Angola, a comédia de Artur Semedo retrata mordazmente a burguesia colonial pondo em cena a aventureira história de um engajador de imigrantes que muda os seus negócios para Angola onde se envolve num obscuro ambiente social e político. Obscuro tornou-se entretanto o próprio filme, por ser uma obra pouco conhecida e sobretudo pouco vista. Estreado no Avis a 11 de abril de 1974, com distribuição Doperfilme.

> **Qui. [4] 22:00 | sala Luís de Pina**

KANAL

Morrer como um Homem

de Andrzej Wajda

com Teresa Isewska, Tadeusz Janczar, Wienczyslaw Glinski
Polónia, 1957 – 81 min / legendado em português

Chefe de fila da chamada “nova vaga” polaca dos anos cinquenta, Andrzej Wajda foi revelado internacionalmente com este KANAL, que fez sensação no festival de Cannes de 1957. Mergulho na história recente do seu país, KANAL evoca a resistência contra a ocupação nazi durante a Segunda Guerra, numa história de heroísmo e sacrifício que culmina com a célebre sequência da perseguição de um grupo de resistentes polacos pelas tropas alemãs nos esgotos de Varsóvia. Estreado no Estúdio a 27 de junho de 1974, com distribuição Animatógrafo.

> **Sex. [5] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro**

M.A.S.H.

M.A.S.H.

de Robert Altman

com Donald Sutherland, Elliott Gould, Tom Skerritt,
Sally Kellerman, Robert Duvall
Estados Unidos, 1970 – 116 min / legendado em português

Um dos mais controversos e provocantes filmes americanos dos anos setenta, época em que Hollywood conseguiu renovar-se, com a chegada de diversos nomes à realização. Um dos títulos mais populares de Robert Altman depois transformado em série televisiva que durou mais de uma década. Irreverente, escrito por Ring Lardner Jr, M.A.S.H. (significa Mobile Army Surgical Hospital) localiza-se durante a guerra da Coreia e é uma chocante e irresistível incursão pela ação de uma equipa médica. Estreado no Londres a 17 de junho de 1974, com distribuição Filmes Castello Lopes.

> **Seg. [8] 22:00 | sala Luís de Pina**

I SEQUESTRATI DI ALTONA

Os Sequestrados de Altona

de Vittorio De Sica

com Sophia Loren, Maximilian Schell, Fredric March,
Robert Wagner, Françoise Prévost
Itália, 1962 – 113 min / legendado em português

Adaptado de uma peça de Jean-Paul Sartre (por Abby

Manne e Cesare Zavattini), o filme de De Sica produzido por Carlo Ponti e protagonizado por Sophia Loren ao lado de Maximilian Schell e Fredric March, que trata da “culpa” nazi no pós-guerra, foi um enorme sucesso à época, sobretudo por parte de uma certa crítica de esquerda. Com o tempo tem vindo a ser desvalorizado, e é cada vez menos visto e citado, mas é um De Sica surpreendente e nada menosprezável. Estreado no Pathé a 8 de novembro de 1974, com distribuição Filmes Castello Lopes.

> **Ter. [9] 22:00 | sala Luís de Pina**

DRACULA CONTRA EL DOCTOR FRANKENSTEIN

Drácula, Prisioneiro de Frankenstein

de Jesus Franco

com Howard Vernon, Dennis Price, Alberto Dalbe
Espanha, França, 1971 – 82 min / versão em inglês, legendado em português

Este é apenas um dos cento e noventa e quatro filmes que Jesus (ou Jess) Franco realizou desde 1960. Grande especialista do filme de terror, Jess Franco foi dos realizadores que mais “ressuscitou” Drácula, a criatura de Frankenstein e o Lobisomem. Também fez incursões pelo *soft core*, reunindo por vezes os dois géneros no mesmo filme. DRACULA CONTRA EL DOCTOR FRANKENSTEIN é essencialmente um filme de ambiente, sem grandes complicações narrativas. No papel de Drácula, Howard Vernon, um dos atores preferidos de Jesus Franco, que também trabalhou com Jean-Pierre Melville, Sacha Guitry, Jean-Luc Godard e Fritz Lang. Estreado no Olímpia a 4 de março de 1974, com distribuição Imperial Filmes.

> **Seg. [29] 19:30 | sala Luís de Pina**

THE EXORCIST

O Exorcista

de William Friedkin

com Linda Blair, Ellen Burstyn, Max von Sydow, Lee J. Cobb
Estados Unidos, 1973 – 132 min / legendado em português

Grande êxito comercial dos anos 1970, um filme em que tudo foi calculado para escandalizar e meter medo. Uma adolescente torna-se agressiva, passa a dizer obscenidades e adquire uma força física descomunal. A sua mãe pensa que ela sofre de perturbações mentais. Mais tarde, em desespero de causa, pedirá ajuda a um padre exorcista. Excelentes trucagens e Óscar de melhor argumento. Lee J. Cobb faz o papel do polícia que investiga uma morte suspeita, atribuída à jovem. Cerca de trinta anos depois da estreia de THE EXORCIST, Friedkin montaria a versão que hoje exibimos, um *director's cut* com mais onze minutos.

> **Ter. [30] 22:00 | sala Luís de Pina**